Plano de Atividades do Aluno – Edital 08/2024 – PIBIC

Título: A música pintada por Chagall: uma leitura bakhtiniana verbivocovisual

Introdução

Este projeto se fundamenta nos estudos bakhtinianos, voltados à dialogia entre arte e vida, tão cara a Bakhtin, Volóchinov, Medviédev, Sollertinski, Yudina e outros pensadores do que se consagrou denominar Círculo de Bakhtin; e também à vanguarda russa do início do século XX, pois proposta de algumas correntes estéticas e de alguns artistas entusiastas da Revolução de 17 e do que chamaram de "arte de esquerda". Dentre eles, destaca-se Chagall, o judeu exilado de sua terra natal, a Vitebsk de outrora (hoje, Bielorrússia) pela perseguição. De diversos lugares (Paris, Vitebsk, São Petersburgo – a antiga Leningrado) e influenciado por variadas vanguardas (cubismo, futurismo, dadaísmo, surrealismo, fauvismo, orfismo, expressionismo, simbolismo, entre outras), Chagall encontra seu estilo autoral único na mescla entre fantasia e realidade, nostalgia e euforia, escuridão e redenção com suas figuras soltas no ar, casas de linhas suaves, cores contrastantes e, ao mesmo, harmônicas que revelam o que alguns estudiosos denominam como a sua "inclassificável" e "inconfundível" arte. Chagall, sem lugar, criou seu mundo especial como um caleidoscópio onde se reflete e refrata a turbulenta história do século 20, em especial, ao pensarmos no papel da arte de vanguarda na Rússia e em todo o seu legado histórico (influência para novas correntes artísticas, propostas de escolas de artes, enfim, síncrese de linguagens que, hoje, dominam nosso século não apenas nas artes, mas no modo de viver e pensar).

Uma das características que os estudiosos costumam atribuir à arte de Chagall é a musicalidade das cores e a harmonia dos elementos contrastantes de sua pintura. Desde um de seus primeiros quadros "Eu e a Aldeia", de 1911, a musicalidade das cores de Chagall se destacam ("Ao ver o quadro, seu mentor em São Petersburgo, Lev Bakst, exclamou: 'Suas cores começaram a cantar!'", segundo Ana Popova, 2022). Além disso, como fez Kandinsky em sua proposta sobre o abstracionismo expressionista, bem como ensaiou em suas telas "Improvisação" e "Composição", em várias versões (sendo, a mais famosa, a "Composição VIII"), Chagall inseriu, em suas obras, figuras (não abstratas, como Kandinsky) surreais de violinistas (de ponta-cabeça, pairando no ar, sobre os telhados etc).

A escolha por violinistas e a predileção por inseri-los sobre os tetos das casas não é aleatória em Chagall. O contexto, como sabemos, impõe-se como situacionalidade enunciativa que não pode ser abandonada. Nas comunidades judaicas camponesas russas do século XX, eventos considerados relevantes eram ambientados por violinistas. O violino simbolizava o instrumento e, seu som, a música da abertura ritual à oficialidade e à ascensão. As expressões faciais e corporais, as vestimentas e a posição invertida, muitas vezes, dos violinistas de Chagall carnavalizam a lógica ao instaurarem, dialética-dialogicamente, um contradiscurso nas obras, em resposta à dureza stalinista soviética, como ocorre no próprio quadro citado, logo no início de suas criações. Influenciado pelos vanguardistas modernistas parisienses, Chagall abusa de mesclas de técnicas e estratégias vanguardistas em suas obras.

No caso mencionado, um pequeno violinista de ponta-cabeça se encontra na direção do olhar dos sujeitos pictóricos. Esse violinista está localizado em um entrelugar, central na tela: entre o rosto verde gigante do "eu" e o rosto da cabra, também em proporções descomunais, principalmente se considerados os demais elementos da tela. Sua presença, em frente a um lavrador, de modo invertido, entre a cabra e o possível autorretrato do pintor, na altura dos olhos e abaixo das casas minúsculas de Vitebsk, no topo da tela, nos faz relativizar se o pintor figurativizado e a cabra se encaram ou encaram a relação oficial/não-oficial entre o "eu" e a "aldeia" (título do quadro), marcada pela presença de ponta-cabeça do violinista. No caso de outras obras, em que o(s) violinista(s), representado(s) de modo agigantado, aparece(m) sobre os telhados das casas, há uma referência à memória emocional de infância do autor-criador: em entrevista, Chagall declarou que se lembra que um tio seu, em Vitebsk, costumava subir no telhado de casa na hora de comer para que não fosse incomodado.

Os termos (lexemas) que nomeiam as obras, as cores, a escolha pela posição e localização, dimensão e direcionamento faciais e corporais semiotizam-se como signos ideológicos que marcam o posicionamento valorativo e emotivo-volitivo autoral-criador do pintor, de modo singular em cada tela.

Pensar como elementos figurativos como os violinistas aparecem no imaginário pictórico de Chagall e sua significação, e como suas cores e formas expressam sonoridades e ritmos é um objetivo

desta proposta, que coaduna com a do orientador, tendo em vista que, a partir da noção de verbivocovisualidade de Joyce, pensamos o quanto essa noção, sem essa nomeação, é constitutiva da concepção de linguagem bakhtiniana e se encontra atrelada ao papel da arte na Rússia do início do século XX, assumida como "engajada" com a vida sociocultural.

Bakhtin e o Círculo, em Vitebsk, no início dos anos de 1920, conheceram e dialogaram com Chagall, com sua escola de Belas Artes (inaugurada em 1919) e com a Bauhaus (que, no mesmo ano, foi aberta em Weimar, e onde Chagall e Kandinsky trabalharam e com a qual muito contribuíram). A questão central defendida por Chagall e Kandinsky, a relação arte e vida, também muito cara e desenvolvida na proposta bakhtiniana é um dos elos que leva a pensar a proposta bakhtiniana como verbivocovisual, como ato vivo de linguagem cognoscível concreta.

Essa relação entre os pensadores não é fortuita. A proposição, tanto pelos artistas (não apenas estes e não só no campo das artes plásticas, mas também na música – como ocorre com Shostakóvitch e Sollertinsky; no teatro – como estuda Medviédev e Sollertinsky [ao entendermos a ópera como uma manifestação musical teatral]; na poesia – como ocorre com Maiakóvski, que tanto influenciou a poesia concreta brasileira, em especial do Grupo Noigandres, composto por Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari, que assumiram a verbivocovisualidade como conceito fulcral da poesia concreta e esta como "expressão máxima da verbivocovisualidade", inspirados na arte de vanguarda russa e, em particular, em Maiakóvski, que transcriaram para o português do Brasil), quanto pelo Círculo bakhtiniano, reflete uma visão de mundo do século XX, a partir da Rússia.

A esfera estética foi a que pôde (ou conseguiu), ainda que em parte e com muitas intercorrências, refletir e refratar (nunca de modo direto, claro, mas com seu acabamento estético próprio) a ética da vida (ciência, filosofia, história e política) sociocultural daqueles anos, em resposta ao vivido e também ao porvir (tanto que muito do que se desenvolveu e se produz, hoje, parte das proposições da Bauhaus e seus pensadores inaugurais, como, por exemplo, o sistema de cores digitais, o estilo minimalista, objetos de design e decoração, a relação Ocidente e Oriente etc, tendo em vista que, com o desenvolvimento das ferramentas adequadas e a globalização, muito do que foi pensado no início do século XX sem condições de produção, hoje, é fabricado até em larga escala com muita facilidade).

A arte, mais que expressão estética do "belo", assumiu, com responsabilidade "sem álibi", como diria Bakhtin (2011), de certa forma, o papel da ciência e da filosofia, de escritora de (uma vez que registrou) a história. Daí, a importância, para o Círculo bakhtiniano, de propor sua filosofia da linguagem e pautar suas reflexões em estudos de obras estéticas. Diferente do que se consagrou afirmar, não apenas centrados no romance (já que, hoje, temos conhecimento de ensaios do Círculo sobre música, teatro e poesia, por exemplo), mas com o romance como gênero privilegiado por, na época e a seu ver, este semiotizar a vida, dada a sua extensão narrativa – caso dos estudos de Bakhtin acerca da obra de Dostoiévski (tanto no *Problemas da Obra de Dostoievski – POD*, quanto no *Problemas da Poética de Dostoievski - PPD*) e de Rabelais (na obra traduzida em português e existente, hoje, no Brasil, feita a partir da versão francesa, *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento – o contexto de François Rabelais - CPIMR*), em diálogo com outros autores e gêneros, citados nessas e em outras obras (como os casos do teatro de Shakespeare e da poesia de Gogol, por exemplo), o que demonstra que a proposição dos estudos bakhtinianos não se encerra no verbal e apenas no romance (para exemplificar, citamos o ensaio de Volóchinov sobre Música de Concerto, publicado no livro *Palavra na vida e palavra na poesia* [2019], com destaque ao título da obra, homônimo a um dos ensaios mais conhecidos inseridos nela, pois o título não se volta à palavra no romance, por exemplo e o ensaio apresenta a concepção metodológica do Círculo, denominada por Volóchinov como "sociológica", uma vez que trata justamente da relação arte e vida como reflexo e refração, resguardadas as singularidades, ética e estética, do cotidiano vivido como material estético, com acabamento artístico que se funda no sociocultural e o transfigura com a obra criada, pois retira do solo social a matéria-prima da criação artística e constrói um outro discurso, com acabamento estético, em resposta à vida da qual partiu, afetado por ela e, concomitantemente, afetando-a e alterando-a, em um movimento dialético de diálogo).

Este plano se volta ao tema da relação arte e vida em sua reflexão, tendo como foco quatro quadros de Chagall (*O violinista* [1912-1913], *O violinista verde* [1923-1924], *O violinista* [1938], *O violinista azul* [1947]), relacionados à proposta bakhtiniana de linguagem, entendida como verbivocovisual (vvv), para pensar a relevância e a pertinência da vvv como constitutiva da proposição

teórico-filosófica bakhtiniana contextualizada e relacionada a procedimentos metodológicos de análise.

Além da presença dos violinistas nas telas, a musicalidade também será pensada na relação com e por outros elementos, como a cor, tão específica em Chagall. Com o desenvolvimento de seu imaginário, Chagall reduziu sua paleta de cores e, como Kandinsky, ao final, também trabalhou, basicamente, com as cores primárias (azul, vermelho e amarelo), mas, diferente de Kandinsky, com a adição de duas secundárias (verde e roxo). De todo modo, a cor que identifica seu estilo, pois predominante em sua obra e com a qual o autor se identifica, é o azul (iluminado e profundo). O azul-Chagall ambienta os cenários e ritmiza as cenas. O ritmo pela coloração, junto com o som do violino, marca a musicalidade no universo de Chagall, com a responsabilidade de ligação entre mundos (pictórico/plástico, real/social vivido e fiduciário/religioso). O papel do violino, dos violinistas e do azul é essencial para compreendermos o imaginário de Chagall e sua relação estética com a vida.

Pensar arte e vida em interação significa pensar as relações valorativas refletidas e refratadas nos enunciados que constituem o objeto de uma pesquisa e refletir sobre atos socioculturais de um pequeno tempo reverberado no grande tempo da história e da cultura. Esse estudo se justifica por fomentar discussões que refletem e refratam um *modus vivendi* e um *modus operandi* que pode levar a compreender atos de linguagem e práticas sociais, num gesto que vai ao encontro dos ODS 4 ("Educação de Qualidade") e 10 ("Redução das Desigualdades"), da Agenda 2030, da ONU, ao se voltar à relação arte, sociedade e cultura. Para tratar da temática aqui elencada, serão mobilizadas, neste plano (que integra a pesquisa do orientador e se volta às áreas prioritárias de pesquisas em Ciências Humanas), as noções bakhtinianas de diálogo, enunciado, ética, estética, reflexo e refração, carnavalização, arte e vida. O foco se volta ao enunciado estético pictórico como elo ético singular sociocultural discursivo.

Objetivos

Objetivo Geral

. Analisar a musicalidade pintada em quatro telas de Chagall elencadas como *corpus*, considerando o contexto de produção e em diálogo com outras obras, tendo em vista a relação arte e vida como central.

Objetivos Específicos

. Estudar a relação arte e sociedade (estética-ética), da pintura figurativa de vanguarda de Chagall, tendo o violinista e a cor azul como expressões da musicalidade e do ritmo das/nas telas;

. Situar cada enunciado pesquisado em seu contexto de produção;

. Analisar elos e singularidades entre as telas analisadas, com base em procedimentos teórico-metodológicos dialético-dialógicos verbivocovisuais bakhtinianos, como desenvolvido pelo orientador.

Metodologia

Esta proposta bibliográfica, de cunho qualitativo-interpretativo, segue três procedimentos metodológicos: descrição, análise e interpretação. No primeiro, o objetivo é descrever o *corpus*; no segundo, analisar as relações linguísticas e metalinguísticas dos enunciados; e, no terceiro, interpretar, de modo dialético-dialógico, cada enunciado, relacioná-lo com os demais e ao contexto de produção para compreender a ligação entre o processo singular e os elos na corrente discursiva com a vida social.

Fundamentada no pensamento bakhtiniano, esta proposta compreende os enunciados em interação. A metodologia bakhtiniana é dialética-dialógica, tendo em vista a movimentação, sem conclusão, em que a síntese dialética não se caracteriza como fim de um embate estabelecido por uma tese e uma anti-tese, mas instaura a continuação ou a reinauguração de um outro ponto de embate, uma vez que se caracteriza como nova tese, gerada como e geradora de resposta (direcionada ao passado e ao futuro). Nesse sentido, o papel da síntese é fundamental não porque coloca fim ao movimento, mas, justamente o oposto, porque instaura o diálogo em outro nível, dialeticamente.

Ao pensarmos na proposta de Volóchinov e em seu solo materialista histórico-dialético (em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* - *MFL*, 2017), consideramos as propostas abstratas de Kant e Hegel e sua inversão marxista. Se a dialética filosófica de Kant e Hegel se pauta no mundo ideal e considera o mundo real como sua cópia imperfeita, a proposta de Marx se calca no materialismo histórico, tendo como foco o mundo concreto. Volóchinov [no *MFL* e no "Palavra na vida e palavra na poesia" (2019)], Medviédev [em *Método Formal nos Estudos Literários* (2012)] e Bakhtin [em *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas* (2017)] explicitam a proposta de linguagem do Círculo, focada na

materialidade da linguagem, no enunciado, em sua expressão potencial cognoscível, em movimento dialógico interno e externo do eu com o outro (enunciado e sujeito, também interno e externo), em uma adesão ao percurso metodológico marxista, calcado na dialética material de movimento (dialógico) de embate sem começo nem fim, centrado no jogo Tese 1 (Afirmação 1) – Anti-tese 1 (Negação 1) – Síntese 1 (Negação da Negação 1 / Nova Tese 2 – Afirmação 2), que gera, de modo inacabado, por meio de um ponto delimitado no pequeno tempo da cultura, uma compreensão responsiva do grande tempo, ao se pensar na descrição, na análise e na interpretação de um dado *corpus* de pesquisa.

Assumimos o método dialético-dialógico, denominado por Volóchinov (2017; 2019) como "sociológico", porque, no movimento de circulação das pinturas de Chagall, percebemos a proposta revolucionária de vanguarda da (sua) "arte de esquerda" como ato de linguagem sem solução, em embate estético-ético com a vida, de modo responsivo às demandas *pravda* do mundo.

Esta proposta dá continuidade a uma pesquisa iniciada com um mapeamento do imaginário pictórico de Chagall e o levantamento dos elementos figurativos presentes em suas obras para, metodologicamente, pensarmos em critérios de delimitação de *corpus* a ser estudado, tendo em vista a expressividade da musicalidade em sua obra visual. Com o estudo prévio, foi possível levantar as principais figuras (vaca, cabra, galo, violinista, Paris – torre Eifell, Vitebsk [denominada como "aldeia"] – casas e camponeses, Bella [e] Chagall) presentes nas pinturas, para a abordagem dos mais variados temas (do mais intimista, como a nostalgia, a euforia amorosa e a angústia; à crítica social e a denúncia à perseguição ao povo judeu). A premissa metodológica norteadora desta proposta se centra na estratégia discursiva utilizada por Chagall em sua pintura (mesmo sabendo que o artista, em seus 80 anos de carreira, produziu obras de outros gêneros – vitrais, esculturas, murais, tapeçaria, entre outros, só mapeamos suas pinturas, dada a diversidade, a acessibilidade e o volume de sua obra).

Assim, o gênero discursivo (pintura) foi o primeiro critério metodológico de delimitação do *corpus*. O segundo se voltou ao elemento figurativo: telas que apresentam violinistas e, dentre essas, aquelas em que essa figura se destaca. O terceiro se pautou no predomínio cromático: dentre as telas com violinistas, as de predominância azul ou com ausência de azul. Por fim, o quarto critério considerou o tempo como elemento essencial ao tentar cobrir parte expressiva do grande período de produção de Chagall, delimitado o início de sua trajetória até o final da segunda guerra mundial (isto é, de 1911 a 1949), o que fez com que conseguíssemos ter no *corpus* de pesquisa delimitado por quatro quadros, sendo uma pintura de cada década: *O violinista* (1912-1913), *O violinista verde* (1923-1924), *O violinista* (1938), *O violinista azul* (1947). A estratégia metodológica considerou o objetivo desta proposta e os quatro critérios de delimitação do objeto de estudo, juntos, nos fez chegar às quatro telas a serem analisadas de modo dialético-dialógico com seu contexto histórico e com outras obras, tendo em vista, sempre, a relação arte-vida e a musicalidade pintada (a verbivocovisualidade) por Chagall.

Pensar o processo de pintura da música em Chagall se justifica pela relevância estética e social da obra do artista. Em consonância com a proposição bakhtiniana de linguagem, que não desconsidera a expressão social "enquanto expressão material estruturada (através da palavra, do signo, do desenho, da pintura, do som musical, etc), [uma vez que] a consciência constitui um fato objetivo e uma força social imensa" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 118 - adequação nossa), esperamos atingir, por meio de um movimento teórico-metodológico dialético-dialógico entre arte, sociedade e cultura, o objetivo deste projeto, de refletir sobre arte e vida, a partir dos quadros selecionados com os critérios mencionados.

Os pensadores russos colocam sua proposta metodológica de pesquisa em prática em seus escritos (caso dos estudos de Bakhtin sobre Dostoiévski, Rabelais, Shakespeare, Gogol, entre outros; de Volóchinov sobre música e a poesia; de Medviédev sobre literatura; e Sollertinsky sobre ópera, por exemplo). No nosso caso, partimos do universo pictórico de Chagall, previamente mapeado e delimitado, para refletir sobre arte e vida, em uma análise verbivocovisual.

Plano de trabalho e Cronograma de Execução

A pesquisa tem seu plano de trabalho organizado em 12 meses de execução (setembro de 2024 a agosto de 2025), em que as atividades estão divididas em 6 bimestres:

. Primeiro bimestre: Fundamentação teórica, estudo contextual do *corpus*, apresentação no CIC;
. Segundo bimestre: Continuação da contextualização e da fundamentação teórica, início da análise do *corpus*;
. Terceiro bimestre: Elaboração e entrega do Relatório Parcial, elaboração de artigo com o orientador;
. Quarto bimestre: Continuação da fundamentação teórica e análise dialógica do *corpus*;

. Quinto bimestre: Interpretação reflexiva do objeto e dos resultados, apresentação de trabalho em evento;
. Sexto bimestre: Elaboração e entrega do Relatório Final e publicação de artigo com o orientador.

Os encontros entre orientador e orientando acontecerão, individualmente, de modo mensal e a participação do aluno no Grupo de Estudos coordenado pelo orientador será semanal, com orientações coletivas. Além disso, há o compromisso de expor os resultados da pesquisa em 2 eventos com apresentações de trabalho, assim os resultados serão divulgados em uma publicação.

Para a melhor visualização do percurso de trabalho, segue o quadro abaixo, em que as atividades não aparecem de modo estanque, mas sim de modo concomitante:

Etapas	1º Bim	2º Bim	3º Bim	4º Bim	5º Bim	6º Bim
Embasamento teórico	X	X	X	X	X	X
Contextualização	X	X	X			
Análise dos *corpora*	X	X	X	X	X	X
Relatórios			X			X
Eventos		X			X	
Publicação						X
Grupo de Estudos	X	X	X	X	X	X
Orientação	X	X	X	X	X	X

Referências[1]

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João, 2009.
BAKHTIN, M. *Problemas da Poética de Dostoievski***.** São Paulo: Forense, 1997.
BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
BAKHTIN, M. *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento* – o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 2010.
BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. São Paulo: 34, 2017.
BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: 34, 2016.
BAKHTIN, M. *Teoria do Romance I* – A Estilística. São Paulo: 34, 2015.
BAKHTIN, M. *Teoria do Romance II* – As formas do tempo e do cronotopo. São Paulo: 34, 2018.
BAKHTIN, M. *Teoria do Romance III* – O romance como gênero literário. São Paulo: 34, 2019.
CHAGALL, M. *Eu e a Aldeia*. Óleo sobre tela. Nova Iorque: Museu de Arte Moderna – MoMA, 1911, 1,92x1,51m. Disponível em: https://www.moma.org/collection/works/78984. Acesso em: 24 mai 2024.
CHAGALL, M. *O violinista*. Óleo sobre tela. Holanda - Amsterdam: Stedelijk Museum, 1912-1913, 188x158cm. Disponível em: https://www.stedelijk.nl/en/collection/753-marc-chagall-le-violoniste. Acesso em: 24 mai 2024.
CHAGALL, M. *O violinista verde*. Óleo sobre tela. Nova Iorque: Guggenheim Museum, 1923-1924, 198x108cm. Disponível em: https://www.guggenheim.org/artwork/802. Acesso em: 24 mai 2024.
CHAGALL, M. *O violinista*. Têmpera e pastel sobre papel. Parma – Itália: Coleção Barilla de Arte Moderna, 1938, 34.5x25.5cm. Disponível em: https://artsandculture.google.com/asset/le-violoniste-marc-chagall/agFU6WnBTBgF3g?hl=it. Acesso em: 24 mai 2024.
CHAGALL, M. *O violinista azul*. Óleo sobre tela. Coleção privada, 1947, 82x63cm. Disponível em: https://pt.wahooart.com/@@/8XYH4M-Marc-Chagall-O-violino-azul. Acesso em: 24 mai 2024.
MEDVIÉDEV, P. *O método formal nos estudos literários*. São Paulo: Contexto, 2012.
POPOVA, A. As 10 pinturas mais famosas (e totalmente imperdíveis) de Marc Chagall. *Russia Beyond*. Cultura. 31 out 2022. Disponível em: https://br.rbth.com/cultura/87240-as-10-pinturas-mais-famosas-de-chagall. Acesso em: 23 mai 2024.
VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: 34, 2017.
VOLÓCHINOV, V. N. *Palavra na vida e a palavra na poesia*. São Paulo: 34, 2019.

[1] As referências aqui elencadas compõem apenas a base inicial da pesquisa e se resumem ao limite de páginas permitido pelo edital desta proposta. Com o desenvolvimento do estudo, outras referências serão incorporadas.